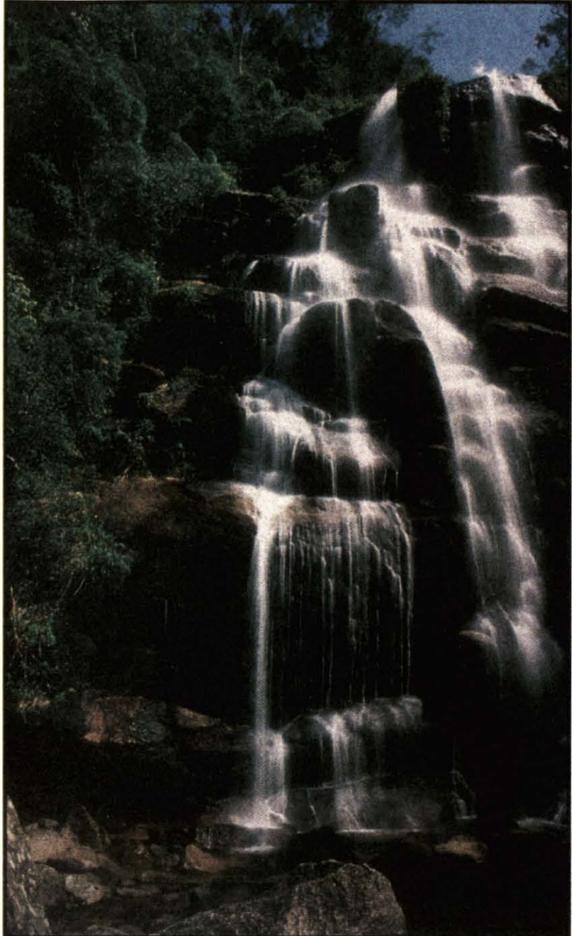


Caminhos da natureza nos parques nacionais

Carlos Goldgrub/Abril Imagens



Cachoeiras no Itatiaia: exotismo e clima serrano



Juan Esteves

Paisagem na Chapada dos Guimarães: severidade de relevo em clima ameno, com brisa o ano todo, garante passeios agradáveis por cavernas e cachoeiras

Hylda Cavalcanti de Brasília

Os parques nacionais de várias regiões brasileiras preservam uma grande variedade de regiões de natureza intocada, e representam um enorme potencial turístico, em muitos casos pouco explorado. Tomando por exemplo países como a França e a Alemanha, o governo federal vem preparando o terreno para lançar, dentro de pouco tempo, um projeto de incremento ao ecoturismo a partir da terceirização de serviços nos parques nacionais. A idéia é tor-

ná-los auto-suficientes e dotados de padrão de qualidade internacional. De acordo com o presidente do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), Eduardo Martins, dos 40 parques existentes atualmente, 21 possuem capacidade para receber visitantes, a partir deste processo. O Parque Nacional do Iguaçu (RS) foi o primeiro a ter serviços terceirizados. O próximo será o da Tijuca (RJ). As perspectivas iniciais do IBAMA são de divulgar, nos próximos seis meses, o modelo que deverá ser adotado para o Parque da Tijuca. Os serviços que podem

ser oferecidos nestas 21 reservas, mantendo-se a área de preservação, incluem transporte para turistas, vendas de souvenirs, bares e restaurantes, hospedagem, e, em alguns casos, obras de implantação de infra-estrutura. A terceirização é uma forma de amenizar o que, com o passar do tempo, transformou-se em problema para o IBAMA: a administração dos parques. "Se observarmos direito, o próximo será o da Tijuca (RJ). As perspectivas iniciais do IBAMA são de divulgar, nos próximos seis meses, o modelo que deverá ser adotado para o Parque da Tijuca. Os serviços que podem

exigisse qualidade", explicou Eduardo Martins. Segundo ele, alguns parques ainda possuem contratos em vigência há mais de trinta anos sem qualquer tipo de especificação sobre o serviço oferecido, o tempo do contrato ou o preço a ser pago ao governo: "Além de regularizar essas concessões, o IBAMA vai aumentar, naturalmente, a fiscalização", acentuou. O projeto de recuperação dos parques nacionais e a conseqüente montagem de uma infra-estrutura que permita a sua manutenção, nos próximos anos, foi iniciado em 1995. Desde então, informou o presidente do IBAMA, foram investi-

dos aproximadamente R\$ 40 milhões, tanto na resolução de problemas diversos quanto no oferecimento de serviços adequados aos visitantes. O principal problema é a questão fundiária, que ainda é muito grande, contou Eduardo Martins. Outros são o desmatamento, por parte de moradores das proximidades, a formação de queimadas e até a invasão de gado na área da reserva — como foi observado no Parque do Araguaia (TO) no último semestre. Atualmente, num primeiro bloco, o IBAMA definiu 14 parques com condições consideradas adequadas, desde já, para iniciar a terceirização

dos serviços: Itatiaia (RJ), Serra dos Órgãos (RJ), Ubajara (CE), Aparados da Serra (RS), Araguaia (TO), Caparaó (MG), Sete Cidades (PI), Brasília (DF), Monte Pascoal (BA), Marinho dos Abrolhos (BA), Marinho de Fernando de Noronha (PE), Jaú (AM) e Lagoa do Peixe (RS). Esta edição de *Viagens & Negócios* apresenta seis dos 40 parques nacionais do País, do mais antigo — o de Itatiaia, fundado em 1937, ao mais conhecido no exterior — o de Foz de Iguaçu (PR), passando pelos da Serra da Canastra (MG), Lençóis Maranhenses (MA), Aparados da Serra (RS) e Chapada dos Guimarães (MT). ■

Brasil - Parques Nacionais



- | | |
|--------------------------|------------------------------------|
| 1. Itatiaia | 21. Cabo Orange |
| 2. Iguaçu | 22. Jaú |
| 3. Serra dos Órgãos | 23. Lençóis Maranhenses |
| 4. Ubajara | 24. Pantanal Matogrossense |
| 5. Aparados da Serra | 25. Marinho dos Abrolhos |
| 6. Araguaia | 26. Serra do Cipó |
| 7. Emas | 27. Chapada Diamantina |
| 8. Chapada dos Veadeiros | 28. Lagoa do Peixe |
| 9. Caparaó | 29. Marinho de Fernando de Noronha |
| 10. Sete Cidades | 30. Chapada dos Guimarães |
| 11. São Joaquim | 31. Grande Sertão Veredas |
| 12. Tijuca | 32. Superagüi |
| 13. Brasília | 33. Serra do Divisor |
| 14. Monte Pascoal | 34. Monte Floraima |
| 15. Serra da Bocaina | 35. Serra Geral |
| 16. Serra da Canastra | 36. Ilha Grande |
| 17. Amazônia | 37. Restinga de Jurubatiba |
| 18. Serra da Capivara | 38. Viruá |
| 19. Pico da Neblina | 39. Serra da Mocidade |
| 20. Pacaás Novos | 40. Serra das Confusões |

Eternos encantos da terra

Cláudio Larangeira/Abril Imagens



Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses, a cerca de 300 quilômetros de São Luis: enigma das piscinas que se formam no final do verão

O primeiro parque nacional brasileiro foi o Itatiaia, fundado em 1937 por iniciativa do ex-presidente Getúlio Vargas. Atendendo às solicitações de figuras da República, que anteviam a importância de se preservar a esplêndida natureza desta região ser-

rana e de clima temperado, o ex-presidente também aproveitou a oportunidade para enfatizar o aspecto populista de sua iniciativa: anunciou o parque como uma grande região de lazer destinada aos trabalhadores do Rio de Janeiro e de São Paulo. O crescimento e industrialização dessas metrópoles só viriam décadas

mais tarde, mas hoje o Itatiaia atrai contingentes crescentes de visitantes de ambas as cidades. Outro parque com uma longa história é o de Foz de Iguaçu, dentro do qual estão as mundialmente famosas cataratas. Um percentual elevado dos visitantes a este parque — um dos poucos que geram superávit fi-

nanceiro no País — vem do exterior. O Parque Nacional de Foz de Iguaçu também é um pioneiro no programa de terceirização de seus serviços. Dentre as iniciativas previstas estão ciclovias, ônibus que circularão com combustível ecológico e novas instalações de atendimento ao visitante. ■

Páginas 3, 4, 5 e 8

CÂMBIO

Argentinos aproveitam nova política cambial para invadir o Brasil na Semana Santa

• PÁGINA 6



HOTELARIA

Três redes iniciam construções na Argentina

• PÁGINA 6

ESTILO

Os segredos dos homens de negócios que viajam perigosamente

• PÁGINA 7



VIAGEM

Colecionador vira peça de museu em Londres

• PÁGINA 6

PARQUES NACIONAIS

Muitas faces do frio nas alturas de Itatiaia

No primeiro Parque Nacional do Brasil vivem em harmonia a flora e a fauna dos trópicos, cachoeiras e um clima de acentos europeus



Foto: Miguel Boyayan/Abril Imagens

As piscinas naturais, de águas frias, são uma das muitas atrações da natureza generosa da região de Itatiaia

Privatização é alternativa para resolver problemas financeiros

Foto: Ricardo Fasanello/Abril Imagens



Na Serra das Prateleiras, ponto culminante do parque, está o Pico das Agulhas Negras, um dos mais altos do Brasil

A crise financeira em que se meteu a economia nacional também causou estragos nas fontes de financiamento do Itatiaia, como de resto para todos os demais parques nacionais. Desde o final do ano passado, pararam de entrar os recursos do Programa Nacional de Meio Ambiente, convênio que o IBAMA firmou há alguns anos com o Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD) e que vinha servindo como reforço de caixa dos parques desde 1995. Isso ocorreu porque o programa do BIRD exige uma contrapartida nacional. Os investimentos do governo federal foram cortados e o BIRD também deixou de liberar recursos.

O acesso à entrada do parque para a região mais alta está atualmente muito difícil, já que nesta época do ano as chuvas são intensas e a estrada, normalmente bastante ruim, fica praticamente intransitável para quem está em um veículo de passeio. Para quem sai da Dutra, o acesso à parte alta é feito pela cidade de Engenheiro Passos, em uma viagem de apenas 17 quilômetros, mas que pode

durar mais de uma hora, por uma estrada tortuosa. A viagem vale pelas paisagens belíssimas que se encontrará pelo caminho, que começa em um trecho de Mata Atlântica e logo vai rareando e se transformando em vegetação de clima temperado.

A opção, nesse caso, é procurar um dos guias que levam os turistas para as caminhadas até as Prateleiras ou ao Pico das Agulhas Negras. Além de conhecerem bem a região e possuírem um veículo mais apropriado, os guias ainda ajudarão no trecho em que não é possível seguir de carro.

A administração do Parque Nacional do Itatiaia tem procurado se associar à iniciativa privada em alguns projetos para melhorar a estrutura turística existente ali. E essas parcerias já começam a apresentar alguns bons resultados. A DuPont, por exemplo, acertou um convênio pelo qual fornece as placas de sinalização que estão em vários pontos e sacos plásticos de li-

xo, distribuídos a todas as pessoas que chegam ao Itatiaia. A empresa colabora na campanha para que não se jogue lixo pelo parque. Em troca, ganha espaço publicitário nas placas e nos plásticos.

A terceirização, atualmente usada na segurança e manutenção do parque, será adotada também no controle da cobrança dos ingressos da

Abrigos hoje desativados poderão ser explorados por pequenos empresários

portaria principal, atualmente feita por funcionários contratados ou por seguradoras. A iniciativa privada será chamada para tocar os alojamentos dentro do Itatiaia, usados para hospedar visitantes. A intenção da administração do parque, segundo Carlos Fernando Pires de Souza, chefe-substituto do Parque Nacional, é passar a gerência desses alojamentos para pequenos empresários que queiram explorá-los comercialmente. E o parque passará a receber alguma receita em troca dessa concessão. ■

(L.C.)

Luiz Cintra
de Itatiaia

Fundado por iniciativa de Getúlio Vargas em março de 1937, o Parque Nacional do Itatiaia ostenta o título de primeira reserva reconhecida oficialmente no País. Ao fundá-la, Vargas atendia a uma antiga demanda de alguns ilustres cidadãos da República, preocupados em conservar uma área extensa de natureza intocada.

O parque tinha originalmente dois objetivos bem definidos. De um lado, servir de espaço de lazer para os trabalhadores do eixo Rio-São Paulo, que começavam a ter um peso cada vez maior em uma nação que rapidamente se urbanizava. De outro, fornecer matérias-primas para as pesquisas científicas que também começavam a ser feitas no Brasil.

O período entre os meses de abril e novembro é a melhor época do ano para visitar a parte alta do Itatiaia, quando o melhor programa são as caminhadas e escaladas. O viajante terá então de se preparar para o frio, já que a temperatura costuma cair abaixo de zero com frequência. Ali, à medida em que a estrada vai ganhando altura, a vegetação vai ficando menos abundante e finalmente se resume a uma paisagem de campos de vegetação baixa e escassa, mas não por isso menos interessante, com algumas vistas muito bonitas dos vales que correm em todas as direções.

Para quem sai de São Paulo ou do Rio de Janeiro, o acesso ao Parque Nacional do Itatiaia é feito pela Via Dutra. A parte baixa é de longe a que oferece a melhor e mais variada infra-estrutura turística. Além de cinco hotéis, uma pousada e restaurantes, é ali que fica a administração, o maior número de placas (feitas por meio de um convênio com a Du Pont). Na parte baixa, existe também um centro de visitantes, com algumas informações gerais sobre o parque e ainda o interessante Museu Regional da Fauna e Flora, que exhibe alguns exemplares bastante exóticos de insetos, aves e animais da viveram ou vivem na região.

As estradas para chegar aos principais pontos de interesse são relativamente bem cuidadas e o mesmo se pode dizer das trilhas construídas para as cachoeiras. É imperdível conhecer as cachoeiras Poranga, Itaporani e Véu de Noiva. A piscina natural de Maromba, que se forma depois de uma série de pequenas cachoeiras, em meio a uma vegetação vigorosa, também é parada obrigatória. Provavelmente você vai achar a água gelada além da conta. Nesse caso, o melhor talvez seja descer um pouco mais e procurar um trecho do Rio Campo Belo, o principal do parque, onde o calor te deixa esquentado a água alguns graus. Certamente haverá uma piscina natural para nadar, que poderá ser acompanhada de uma hidromassa-

gem, igualmente natural, com uma única diferença com relação a uma Jacuzzi: a natural é infinitamente melhor. Ao todo, o visitante precisará de pelo menos três dias para conhecer melhor o Parque Nacional do Itatiaia. Mas certamente voltará com a sensação de que ficou muita coisa por conhecer. O negócio então será programar uma segunda visita, o mais rápido possível.

Negócios pioneiros

A posição de pioneiro também confere ao Itatiaia alguns dos traumas conseqüentes de um uso pouco planejado do meio ambiente. Exemplo disso é a belíssima Mata Atlântica, que se vê na parte baixa do parque, com inúmeras nascentes de água, cachoeiras de mais de 20 metros e muitas piscinas naturais. Apesar da inquestionável beleza, a mata, ali, não é primária, como dizem os conhecedores do tema. Foi plantada depois de o terreno ter sido desmatado para exploração econômica.

Justamente por estar numa das regiões mais desenvolvidas do País, com seus 30 mil hectares espalhados por solo fluminense e mineiro, quase na fronteira com São Paulo, a região atraiu várias formas de exploração ao longo do tempo. O imperador Dom Pedro II, por exemplo, decidiu criar nesta região de terras altas, clima úmido e temperaturas mais baixas que as da então capital brasileira, uma colônia para o cultivo de frutas "importadas" — como a maçã — vindas de países de clima temperado. Estas plantações foram criadas e desenvolvidas usando o "know-how" de mão-de-obra igualmente vinda de fora, especialmente da Europa. Se do ponto de vista comercial o empreendimento imperial foi um fracasso, serviu ao menos para que os poderosos da época se encantassem com a região. Conta-se que a princesa Isabel teria sido a primeira mulher a escalar o Pico das Agulhas Negras (2.787 metros), um dos marcos do Itatiaia. O pico, o mais alto do Rio e o sétimo mais alto do Brasil, era conhecido pelos índios que viviam ali como o Itatiaiaçu, nome que ainda hoje identifica o ponto mais elevado desse maciço. Se Itatiaia significa em tupi-guarani "pedra cheia de pontas", Itatiaiaçu é justamente a maior delas.

Parte da área que abriga o Parque Nacional, redefinida e ampliada pelo governo federal em 1982, também foi usada pelo Barão de Mauá, cuja fazenda Monteserrat retirava de lá o carvão vegetal usado como fonte de energia para locomotivas e outras máquinas a vapor usadas no início da industrialização brasileira. Mais tarde, muitas

fazendas da região passariam a dedicar-se ao cultivo de café.

Quem visita o Itatiaia hoje surpreende-se com uso de parte de suas terras por particulares. Logo depois de passar pela portaria do parque, começam a aparecer casas de veraneio, hotéis, pousadas, restaurantes e outros pequenos estabelecimentos comerciais. Explica-se: o governo federal definiu a área de proteção ambiental, mas nunca se dispôs a pagar as indenizações e até hoje essas propriedades permanecem como se o parque não existisse. Elas pagam IPTU para a prefeitura de Itatiaia e nenhuma taxa formal é cobrada por estarem dentro dos limites do parque, mesmo no caso dos empreendimentos comerciais que, naturalmente, aproveitam

a estrutura turística do Itatiaia.

Apesar de antigo, já que arrasta-se desde 1937, o problema fundiário está longe de uma solução. Este mesmo problema está presente na maioria dos parques brasileiros. Somente no Itatiaia estima-se

que pelo menos 500 hectares dos 30 mil existentes têm um proprietário particular, incluindo-se aí áreas usadas para a criação extensiva de gado. São ao todo 174 residências, com mais de 283 moradores. Essa convivência causa alguns transtornos para a administração do parque, como o fato de a portaria ter de ficar aberta 24 horas por dia, o que acaba dificultando o controle de quem entra e quem sai da reserva.

Mas essas questões não chegam nem de longe a reduzir o entusiasmo de quem vai ao Itatiaia, visitado anualmente por aproximadamente 100 mil pessoas. O parque, por sinal, é um dos que foi incluído no programa de terceirização que o IBAMA iniciou recentemente, com a concessão da administração do Parque Nacional de Foz do Iguaçu a um consórcio de empresas. Faz parte da minoria dos parques superavitários financeiramente. No ano passado, segundo a administração do Itatiaia, teve uma receita de R\$ 380 mil somente com a cobrança de ingressos e taxas por veículo que entra para passear. Esse dinheiro foi para uma caixa única do IBAMA, que se encarrega de distribuí-lo aos demais parques, inclusive ao próprio Itatiaia.

O orçamento de 1998, incluindo os gastos com os salários dos 30 funcionários, despesas com serviços terceirizados e de manutenção, somou R\$ 238 mil. ■

SERVIÇO

Pousada Esmeralda (dentro do parque) km. 4 da estrada do Parque Nacional — telefax: (024) 352 1643
Pousada do Ype Parque Nacional, km. 14 tel: (024) 352 1453
Repouso Itatiaia Parque Nacional, km. 11 tel: (024) 352 1110

PARQUES NACIONAIS

Nas águas cristalinas da Serra da Canastra

A 320 quilômetros de BH, no sudoeste de Minas, reserva tem 1200 espécies de plantas e uma rica fauna, e atrai cada vez mais turistas

"Para se ter uma idéia de como é fascinante a paisagem ali, o leitor deve imaginar em conjunto tudo o que a natureza tem de mais encantador: um céu de um azul puríssimo, montanhas coroadas de rochas, uma cachoeira majestosa, águas de uma limpidez sem par, o verde cintilante das folhagens e, finalmente, as matas virgens, que exibem todos os tipos de vegetação tropical."

Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853) em "Viagem às Nascentes do São Francisco"

Adriana Marcolini de São Roque de Minas

A viagem é longa, mas a paisagem das bucólicas montanhas de Minas Gerais deslancha os olhos, cansados do caos visual da metrópole. Após sete horas de estrada desde São Paulo, surge a pequena São Roque de Minas, com seu ar silencioso, calçamento de pedra e bandos de ciganos empobrecidos. A cidade, de apenas sete mil habitantes, fica à beira do Parque Nacional da Serra da Canastra, no sudoeste de Minas. Discretamente, como convém à alma mineira, as janelas de São Roque olham para o parque, atentas à eventualidade de um princípio de incêndio, provocado pelos freqüentes raios que atingem os campos, ou por algum visitante imprudente que tenha jogado um cigarro aceso no chão. Mas nada de anormal acontece. A quietude da natureza abraça os moradores e as ruas de São Roque. A cidade dorme tranqüila. Quando acordada, ao nascer do sol, tem início mais um dia de trabalho. Assim como faziam seus antepassados, os moradores, descendentes de portugueses, índios cataguases e escravos, começam o dia nas fazendas dedicando-se à produção do famoso queijo da Serra da Canastra e às lavouras de café e milho. Na zona urbana, dividem-se entre o comércio, o funcionalismo público, e a uma atividade em ascensão no município: o ecoturismo.

A apenas oito quilômetros da portaria no 1 do Parque Nacional da Serra da Canastra (ao todo são quatro), São Roque de Minas nunca se beneficiou tanto do fluxo turístico como nos últimos anos. Até há poucos meses, era a principal cidade mineira favorecida pelo "ICMS ecológico" ou "Lei Robin Hood", vigente no Estado desde 1996. Pela legislação, as cidades que protegem reservas ambientais recebem parcelas maiores deste imposto — o que tem favorecido São Roque, pois mais de 80% do Parque Nacional da Serra da Canastra estão no município. O montante tem sido investido no hospital e na construção de uma estação de tratamento de lixo.

Além de ter registrado um aumento em seu rendimento mensal de até 1.139%, a cidade também se beneficia com o aumento de turistas no parque: em 1994 eles foram apenas 2,5 mil, mas no final do ano passado já alcançaram a marca de 17,3 mil. Atento ao crescimento do interes-



Nascentes do Rio São Francisco, protegidas pelo Parque: encanto da natureza já foi descrito por St. Hilaire no século XIX

se pelo parque e atrações naturais do seu entorno — como trilhas para caminhadas, ciclismo e cavalgadas, grutas, cachoeiras e praias fluviais — o paulista Anael de Souza fundou a primeira e única agência de ecoturismo da cidade, a Tamandua. "Desde que começamos a operar, em abril de 1998, o movimento tem crescido consideravelmente. No ano passado, tivemos cerca de 150 clientes, e, apenas neste último feriado de Carnaval, aproximadamente 100", afirma. Além de trabalhar em parceria com agências de ecoturismo paulistas, a Tamandua organiza roteiros personalizados, montados de acordo com o interesse do cliente.

Mas, afinal, o que tem atraído tanta gente para o Parque Nacional da Serra da Canastra? É simples. A exuberância da natureza — já exaltada pelo naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire. Em seu livro "Viagem às Nascentes do São Francisco" (Edusp/Itatiaia), o cientista relata seu espanto diante da variedade de plantas encontradas na região, muitas das quais passaram a compor seu herbário de 30 mil exemplares e mais de 7 mil espécies formado ao longo de seis anos de viagens pelo Brasil (1816-1822). À época da passagem de Saint-Hilaire pela Serra Canastra (1819), a reserva, evidentemente, ainda não existia. O parque só seria fundado em 1972, para proteger a nascente do Rio São Francisco, que brota dentro de seus limites. Ser o berço de um dos mais importantes cursos fluviais do Brasil, é, aliás, bastante natural para uma serra pródiga em águas e que divide duas grandes bacias hidrográficas do País, a do Rio São Francisco e a do Rio Grande.

Com 71.525 hectares, o Parque

Nacional da Serra da Canastra se estende por três municípios: São Romão de Minas (84%), Delfinópolis (10%) e Sacramento (6%), e é cortado por uma estrada de terra de 77 quilômetros (velocidade máxima permitida de 40 km por hora). É formado por dois chapadões: o da Serra da Canastra, cujo platô, avistado de longe, tem o formato de uma canastra ou baú, e o da Serra das Sete Voltas, que ladeia a cidade de Delfinópolis. Dos chapadões descem grandes escarpas, que dão lugar a um vale. Com uma geografia caracterizada por uma região alta e por outra mais baixa, a reserva tem altitudes entre 900 e 1.496 metros. As maiores atrações são a nascente do Rio São Francisco e a cachoeira Casca D'Anta. Vigorosa, ela tem cinco quedas, três das quais podem ser vistas da parte alta.

Para se avistar as outras duas que-

das e sentir na pele o que é, literalmente, atravessar a Serra da Canastra, nada melhor do que descer a pé a trilha que vai da região alta do parque à baixa. Aos menos experientes, recomenda-se apenas descer — e nunca o contrário. No meio da trilha enxerga-se a quarta queda da Casca D'Anta e, uma vez atingida a parte baixa, tem-se acesso ao inesquecível espetáculo da quinta e última queda. Com 168 metros, é a maior de todas. Também é possível chegar à região baixa do parque de carro, mas neste caso são cerca de 75 quilômetros, pois é preciso dar a volta na reserva, passando por São Roque de Minas.

A trilha tem cerca de dois quilômetros acidentados, ao longo dos quais as flores típicas do cerrado, como pequiúzeiros, sempre-vivas, canelãs-de-ema, e algumas espécies de quaresmeiras, lírios e margaridas,

exibem todo o seu esplendor. A variedade da vegetação é grande — são 1200 espécies vegetais — e a melhor época para ver todo o seu colorido é na primavera.

A vegetação muda de acordo com o tipo de solo, mesclando o cerrado e os campos rupestres com as matas ciliares, grutas e capões, localizadas perto das nascentes de rio. Para se ter uma idéia da riqueza da flora local, quarenta espécies de orquídeas encontradas recentemente no parque por pesquisadores universitários eram desconhecidas. E mais: uma das pesquisas científicas realizadas com a flora nativa estuda a hipótese de a canela-de-ema (*Vellozia sp*) ter um componente que possa substituir o AZT, o medicamento mais usado contra a AIDS.

Assim como a flora, a fauna local também é rica e variada. Tamandua-bandeira, tatus-canastra,

veados-campeiros, emas, seriemas, lobos-guarás (ameaçados de extinção), capivaras e macacos-prego convivem em harmonia no parque. Ao lado deles, um batalhão de pássaros, com suas variadas cores e trinos, faz a festa: são tiés-sangue, sanhaços azuis, periquitos, maritacas, tucanos, urubus-rei, andorinhas e os imponentes gaviões caracará. Esses últimos parecem se orgulhar de seu porte e, para deleite dos turistas, adoram posar para fotos. Em perfeita comunhão com seu habitat natural. ■

SERVIÇO:

São Roque de Minas (562 quilômetros de São Paulo, via Mococa/Passos/Piumhi). Do Rio de Janeiro são 615 quilômetros, e de Belo Horizonte 320 (via Formiga e Piumhi). Guia local: Fernando Leite — tel: (037) 433 1173

Em São Roque de Minas, há desde pousadas simples até mais sofisticadas, como a Barcelos, que dispõe de sauna e piscina.

Pousada Barcelos — Av. Vicente Picardi, 189 — tel: (037) 433 1216

Reservas: (031) 223-0084
Pousada Recanto da Canastra (perto da cachoeira Casca D'Anta) tel. para reservas: (037) 371 1266 ou (016) 992 7706

Restaurante Zagaia — Av. Tancredo Neves, 10 — tel: (037) 433-1323

Tamandua Ecoturismo — Av. Tancredo Neves, 15. tel: (037) 433 1126 ou (011) 270 5947.

sites: tamandua@serracanastra.com.br www.serracanastra.com.br

Lanches para caminhadas: Eni Leite da Costa — tel: (037) 433 1131 O Parque Nacional da Serra da Canastra dispõe de um camping com capacidade para 50 barracas. A área é dotada de infra-estrutura. Para acampar, cobra-se, além da entrada no parque (R\$ 3), R\$ 6 por pessoa e uma diária de R\$ 6. Perto também há um camping particular.

Informações: IBAMA (São Roque de Minas) — tel: (037) 4331195

Ingresso para o parque: R\$ 3
Horário: das 8h às 18h.

Fiscalização do parque ainda é insatisfatória

Embora, nos últimos anos, a infra-estrutura do Parque Nacional da Serra da Canastra tenha melhorado, graças à construção de quiosques e sanitários e a impressão de folhetos de divulgação para os turistas, a reserva ainda precisa de uma fiscalização mais rigorosa. Apenas 36 funcionários são empregados no controle dos 71.525 hectares do parque, quando o ideal, segundo o diretor interino Neilton Antonio de Faria, seriam 150.

Além disso, de acordo com as regras do serviço público federal, toda a renda obtida mensalmente com os ingressos pagos pelos turistas vai para Brasília, e só depois retorna para o escritório do IBAMA em São Roque de Minas. Esta forma de administração, um tanto obsoleta, acarreta vários problemas operacionais, como a falta de dinheiro para o

conserto de um carro quebrado, por exemplo. É provável que esta prática venha a ser eliminada, com a possível transformação do IBAMA numa agência executiva. Por enquanto, o diretor interino ainda não sabe o que deverá ser terceirizado no parque, mas aguarda com expectativa a nova política do órgão federal.

O parque também não dispõe de equipamentos adequados ao combate de grandes incêndios, infelizmente freqüentes no período da seca, de julho a outubro. São várias as causas mais freqüentes do fogo: imprudência, raios, queimadas nas fazendas vizinhas para a renovação de pastagens, e a ação criminoso do homem. No caso dos incêndios naturais, o parque é beneficiado, pois muitas sementes só brotam depois de muito aquecidas.

O primeiro registro de incêndio na região data de 1819, e foi observado pelo naturalista Auguste de



Paisagem de fazenda na região serrana: ritmos bucólicos

Saint-Hilaire. Já naquela época, era comum entre os fazendeiros usar as queimadas para revitalizar as pastagens — uma tradição que persiste até hoje entre os cerca de 86 proprietários rurais do entorno da reserva. Eles defendem a prática sob o argumento de que a construção de silos, o uso de rações e a formação de pastagens têm um preço elevado.

Assim como o parque, o Rio São Francisco também sofre perigos. O

"rio da integração nacional" nasce no Parque Nacional da Serra da Canastra e deságua no Oceano Atlântico. Percorre 3.160 quilômetros, passando pelos Estados de Minas, Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe. No entanto, ao longo do curso, sofre as consequências de garimpos ilegais, recebe esgoto sem tratamento em várias cidades e suas matas ciliares sofrem desmatamento. ■

(A.M.)

Serviços privatizados dão nova dimensão ao turismo

Ubirajara Alves de Curitiba

"Descoberta" pelo explorador espanhol Alvar Núñez Cabeza de Vaca, em 1542, a região das cataratas do Rio Iguçu foi transformada em parque por obra do inventor Alberto Santos Dumont que, em 1916, visitou a região. "É um lugar bonito demais para pertencer a uma só pessoa", teria dito. (na época, as cataratas eram do argentino Don Jesus Val). "Deveria, sim, pertencer à humanidade", teria afirmado, tomando em seguida a iniciativa de solicitar às autoridades brasileiras a criação da reserva.

O Parque Nacional do Iguçu, na fronteira entre Brasil e Argentina, é um dos mais importantes pontos turísticos do País. Começará a ser terceirizado em meados deste ano. A operação, que inaugura uma nova fase na exploração dos parques nacionais, consiste na transferência de parte dos serviços ao consórcio Satis, que planeja investir entre R\$ 15 e R\$ 20 milhões. Formado pelas empresas Soifer Participações (controladora com 63%), Ilha do Sol Agência de Viagens, Tucumán Engenharia, Construtora Akyo e Soarez

Incorporadora, o consórcio pretende concluir obras de modernização num prazo de dois anos.

A concessão faz parte do Plano de Revitalização desenvolvido pelo Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) e visa dotar de melhor infra-estrutura os 185 mil hectares de florestas fluviais subtropicais (do lado argentino são mais 55 mil hectares). Também pretende melhorar o acesso aos 270 diferentes saltos das Cataratas do Iguçu, uma das maiores do planeta, por onde jorram 10 milhões de litros d'água por segundo.

"Queremos dar mais dinamismo ao turismo, oferecendo novas e mais cômodas opções", observa Júlio Gonchorosky, diretor do parque. O projeto será executado em três fases distintas. A primeira, prevista para este ano, prevê a instalação de um estacionamento para 800 veículos e um centro de recepção de turistas.

Ainda este ano começam a circular seis ônibus tipo "jardineira". Isto significa o fim do trânsito de automóveis e ônibus de turismo dentro do parque, para diminuir a poluição, barulho e atropelamento de bichos.

Os ônibus utilizarão o chamado bio-diesel, considerado mais puro e



As cataratas: nova política para preservar com mais eficiência

por isso menos poluente. Segundo Paulo Marques, diretor do consórcio, a passagem será paga somente no início da viagem, e o turista poderá embarcar e desembarcar quando quiser ao longo do percurso.

Nas fases seguintes estão previstas a construção de um mirante de 80 metros de altura com elevador gi-

ratório, para uma visão panorâmica do parque. Discute-se também a instalação de um balão cativo (preso a um cabo fixo em terra) para visualização aérea. Será ainda instalada uma trilha suspensa — um pontilhão de madeira em forma de rampa que sobe gradualmente até a copa das árvores, permitindo um passeio para

se conhecer a fauna e a flora local.

Haverá também um novo elevador panorâmico no final da trilha das cataratas, em substituição ao antigo, todavia em operação. As obras não impedirão o funcionamento do parque, que atrai anualmente 800 mil turistas — 40% estrangeiros.

As opções de passeio também serão ampliadas. Ao lado da rodovia que leva às cataratas será construída uma ciclovia e um centro de aluguel de bicicletas. Algumas rotas serão revitalizadas, totalizando 21 quilômetros. Segundo o diretor, com essa nova estrutura caberá à administração a tarefa de guarda e fiscalização, bem como o acompanhamento da qualidade dos serviços concedidos. "O parque é um bem público e manterá sua administração nas mãos do IBAMA", afirma.

Com uma concessão por 15 anos, a expectativa dos empreendedores é de recuperar o investimento em oito anos. O fato é que o Parque Nacional do Iguçu, mesmo nas condições atuais, é altamente lucrativo. Segundo a administração, em 1997 foram arrecadados R\$ 4,7 milhões, enquanto as despesas não ultrapassaram R\$ 1,8 milhão.

A receita dos ingressos (R\$ 6 por



pessoa) continuará sendo da administração do parque, que terá ainda um adicional mínimo de R\$ 100 mil mensais, ou de 6% e 11% do faturamento bruto dos concessionários. Assim, a previsão é de que a receita possa dobrar em quatro anos. ■

SERVIÇO:

Hotel das Cataratas — Único localizado dentro do parque. tel: 0800 45 2266

Hotel Bourbon — A dez quilômetros da reserva. tel: 0800 11 8181

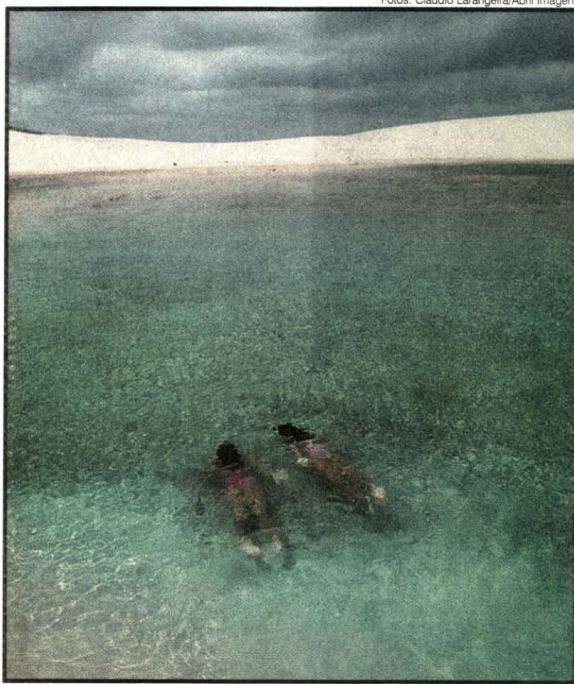
Restaurantes: Antônio Maria — Comida portuguesa. Rua Almirante Barroso, 1466. tel: (045) 574 3388

Saragoza — Comida espanhola. Rua Quintino Bocaiúva 882. tel: (045) 574 3084

PARQUES NACIONAIS

Paisagem de cinema nos Lençóis Maranhenses

Localizada em Barreirinhas, a cerca de 300 quilômetros de São Luís, reserva criada em 1981 tem 155 mil hectares e oferece natureza intocável



Piscinas naturais, absolutamente transparentes: natureza intocada

Cânions e natureza levam a Aparados da Serra



Falha geológica faz com que o terreno pareça ter sido aparado: força da paisagem

Marcelo Flach
de Porto Alegre

O cânion do Itaimbezinho é uma das mais belas paisagens do Sul do País. A imensa fenda geológica atrai como um ímã a visão de quem se aproxima do penhasco. Do fundo do vale sobe um paredão rochoso de 600 metros. O vão se estende por 5,8 quilômetros. O Itaimbezinho está preservado no Parque Nacional de Aparados da Serra, entre Camará e Praia Grande (SC).

Araucárias e resquícios de Mata Atlântica formam o ecossistema no parque e em volta dele. As florestas nativas contrastam com os campos — em retonalidades douradas no inverno e verdes no verão. A vegetação chega à borda dos penhascos, interrompida apenas por riachos que se tornam quedas d'água quando despenham no cânion. O nome Aparados é uma referência ao paredão — o terreno parece que foi aparado abruptamente. Para apreciar a grandeza do Itaimbezinho, o céu precisa estar claro, sem nebulosidade.

A lista de animais existentes nas florestas da região é grande, como lobo-guará, puma, gambá, macaco-prego, bugio e graxaim-do-campo. Entre as aves, gaviões, gralhas-azuis, perdizes e codornas são avistadas com maior facilidade.

O parque está aberto de quarta a domingo, das 9h00 às 18h00. As segundas e terças servem para a natureza "descansar" da presença dos visitantes. Durante esses dois dias, o Ibama faz a manutenção. Em janeiro, 3.616 pessoas visitaram a área. Na primeira quinzena de fevereiro, a média é de 100 turistas por dia.

Da criação do parque, em 1959, até 1996, quando a área foi fechada para reestruturação, o acesso era gratuito. Desde maio, o Ibama cobra R\$ 6 por pessoa, mais o custo do estacionamento (carros, R\$ 5; motos, R\$ 3). Para percorrer as duas trilhas do parque, o visitante também

gasta. Ninguém anda nos trajetos onde estão as mais belas paisagens sem um guia, que cobra R\$ 3 por pessoa. Somente um dos percursos, chamado de auto-interpretativo, pode ser percorrido sem acompanhamento. Os 38 profissionais são moradores de Camará e Praia Grande e foram treinados para a função.

Dentro do parque há um centro de informações, sanitários e uma lanchonete. Também existe uma área para piqueniques. Mas nem pense em acender um fogo para fazer churrasco, porque não é permitido. Também é proibido acampar dentro do Aparados da Serra. O IBAMA estuda um local para a instalação de um camping.

Além do Itaimbezinho, existem mais 11 cânions na região, que integram o Parque da Serra Geral. A área foi criada em 1992, mas ainda inexistente na prática. Por isso não há cobrança de ingresso e o parque pode ser visitado todos os dias. Os dois parques somam 27,5 mil hectares de preservação. No Serra Geral está o cânion Fortaleza, o maior de todos na região. Para chegar até ele, o caminho é uma estrada sem pavimentação, de 23 quilômetros.

A entrada do Parque Nacional de Aparados da Serra fica a 18 quilômetros da cidade, também por uma estrada sem asfalto. Para chegar a Camará, quem vem de Porto Alegre deve seguir para São Francisco de Paula. São 188 quilômetros a partir da capital gaúcha. O percurso é quase todo em asfalto. ■

SERVIÇO

Pousadas em Camará do Sul
Pampa: (054) 251-1279
Fortaleza: (054) 251-1224
Corucacas: 054 251-1128
Distâncias a partir de Camará
Entrada do Parque — 18 km
Porto Alegre — 188 km
Passeios a cavalo próximas ao Itaimbezinho: Animatur Horseback: (054) 244-1901. Site: horseback@megaway.com.br

Manuela Azevedo*
de São Luís

Descobertas pelos turistas há pouco mais de dez anos, as dunas do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses guardam belezas indescritíveis e uma natureza praticamente intacta. Criado em 1981, o Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses fica no município de Barreirinhas, a pouco mais de 300 quilômetros de São Luís do Maranhão. Continua a ser de difícil acesso e com um fluxo pequeno de turistas. A estrutura, o acesso, e, principalmente, as belezas naturais — tudo continua igual como há décadas. Esta situação divide as opiniões: enquanto alguns acham que o charme é exatamente a dificuldade para chegar e a simplicidade do lugar, outros defendem a idéia de que, uma vez bem estruturada, a região receberia milhares de turistas, representando um grande impulso para a economia da região.

Apesar da imensidão do parque, que tem 155 mil hectares, o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) não tem muito trabalho para proteger a área. Pelo menos por enquanto, a única fonte de preocupação é o costume dos próprios nativos, que cortam madeira nas margens do Rio Preguiça para levantar suas casas. Até agora, a extração não tem comprometido a paisagem nem provocado desequilíbrio ecológico.

Nas dunas, tudo permanece intocado. O único movimento estranho ao lugar são pequenos grupos de turistas em busca de aventura, contato com a natureza e belas fotografias. O mar é livre de poluição, mas a pesca de arrastão causa danos à fauna marinha, por levar peixes e mariscos ainda pequenos — fato comum em várias regiões brasileiras.

Santuário ecológico

Para se chegar a este paraíso ecológico localizado no litoral maranhense, pode-se tomar um ônibus em São Luís até Barreirinhas. São oito horas de viagem — seis das quais para cobrir em 147 quilômetros de estrada de terra, onde falta conforto e sobra poeira.

Dos 30 mil habitantes de Barreirinhas, somente 12 mil vivem no perímetro urbano. A economia local baseia-se na pesca, na agricultura e na pecuária de subsistência. A folha da palmeira buriti fornece a matéria-prima para o artesanato, atividade que garante uma renda adicional, com a exportação de peças.

O clima é de profunda tranquilidade. Uma vez na cidade, pode-se escolher entre mergulhar no Rio Preguiça, tomar água de coco ou olhar o pôr-do-sol do alto da praia da Duna. No entanto, quem chega a Barreirinhas quer logo ver as dunas. Antes de ir para o parque, aconselha-se ao turista alugar um jipe e ir até as Lagoas Azul e da Esperança — esta, a única que não seca em nenhuma época do ano. É um passeio imperdível. Só depois disso, deve-se alugar uma lancha, "voadeira", como é popularmente chamada em

Barreirinhas, e iniciar a viagem pelo Rio Preguiça, que já está no perímetro do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses.

As grandes atrações da reserva são as dunas e suas piscinas naturais, que se formam após o período de chuvas no Maranhão (maio a julho). Porém, o passeio pelo Rio Preguiça é para muitos visitantes tão encantador quanto as dunas. A navegação pelo rio impressiona pela belíssima vegetação às margens.

Ao longo da viagem, que dura cerca de uma hora até chegar ao povoado de Caburé, há várias ilhotas. Ao descer da embarcação, o visitante se depara deslumbrado com uma imensidão de verde causada pela junção da água do rio com a densa vegetação ribeirinha. Aqui e ali, às margens do rio, as garças pontilham a paisagem de branco. Com um pouco de sorte, pode-se ver gaviões, jacarés e guarás — pássaro de penas vermelhas ameaçado de extinção.

Durante o trajeto entre Barreirinhas e Caburé há duas paradas obrigatórias: uma em Vassouras e outra no Lazão. São os chamados "pequenos lençóis". Com dunas muito altas, eles formam grandes lagoas de águas transparentes, após o período de chuvas. Além de Caburé, os povoados de Mandacaru e Atins também ficam nas proximidades.

Caburé, o primeiro a ser encontrado por quem chega de Barreirinhas, fica entre o Rio Preguiça e o Oceano Atlântico, o que lhe rende uma praia de água doce e outra de água salgada. De lá, depois de passar pelo parque, o turista pode pegar novamente uma Toyota e ir para o delta do Rio Parnaíba, na fronteira do Maranhão com o Piauí. Parte desta viagem é feita pela beira da praia e outra de barco.

O segundo povoado a ser encontrado é Mandacaru, um povoado essencialmente pesqueiro. Lá se encontra o farol homônimo — aberto à visitação. Do topo, tem-se uma visão panorâmica da região. O terceiro lugarejo é Atins, onde o povo combina a atividade pesqueira com lavoura e pecuária. De lá parte-se para os chamados "grandes lençóis".

Há duas maneiras para se chegar a esta área do parque. Numa delas, caminha-se quase uma hora a partir do



O contraste entre a areia e o azul da água: meandros lembram formas de quadros abstratos

povoado de Atins. Na outra, vai-se de barco, passando pela Boca da Barra, onde o Rio Preguiça desemboca no oceano. No entanto, este trajeto só pode ser feito quando a maré está muito baixa.

A população da região vive inteiramente alheia às divergências de opinião entre os que querem transformar Barreirinhas num lugar tão badalado quanto Porto Seguro, e os defensores da preservação da região. O pescador Brechó é um deles. Ele conta que já deixou de se espantar com as européias que procuram a tranquilidade para tomar banho de sol nus no deserto da praia do Caburé. O mesmo afirma Dona Luzia, moradora do Atins. "Os turistas passam por aqui quando vão para as dunas, mas nunca param aqui em casa", diz ela, indiferente ao potencial turístico da região. Maria das Graças Pereira, residente em Mandacaru, também não sente influência do turismo. Ela é funcionária do posto de saúde local e se dedica à pescaria

nas horas de folga. Entre os moradores da região, é comum eles darem peixes, mariscos e outros alimentos para amigos e conhecidos. Existem dois tipos de turistas em Barreirinhas. Um deles, conhecido como o "pessoal do piquenique", é formado por pessoas de classe média baixa de São Luís. Geralmente, hospedam-se em casas de amigos. O outro tipo vem de outros Estados e se hospeda nas pousadas locais, gerando recursos para o município e para o Maranhão. Este é o que mais interessa economicamente. Por enquanto, o fluxo de visitantes de outros Estados ainda é baixo.

Durante o último mês de janeiro e os primeiros dias de fevereiro, a rotina foi a mesma. Na semana que antecedeu ao Carnaval, em pleno período de alta estação, houve dias em que apenas duas lanchas percorreram o Rio Preguiça com turistas.

A média de janeiro foi de três a cinco pessoas de outros Estados chegando diariamente a Barreirinhas — a maioria de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Para o futuro, a expectativa é de que a viagem fique mais confortável. Desde 1º fevereiro, uma nova empresa de ônibus faz o percurso São Luís-Barreirinhas e a intenção é aumentar a oferta de horários. Há ainda a esperança de que o trecho de terra seja enfim asfaltado, o que reduziria em algumas horas o tempo gasto para a viagem.

Mudanças à parte, os turistas de Barreirinhas, que vêm de longe para ver as belezas do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses, esperam que este lugar especial não perca a natureza intocada e a pureza da população local. ■

*Especial para Viagens & Negócios

SERVIÇO

Como chegar:
De ônibus (R\$ 23), a partir de São Luís, onde também se pode fretar um avião no aeroclube (R\$ 230, ida-e-volta, para até 5 pessoas).
Hospedagem:
Em Barreirinhas há pousadas como a Giltur e a Lins. No povoado de Caburé há duas pousadas, a do Lopes e a do Paulo, ambas em frente ao Rio Preguiça, muito próximas do encontro do rio com o mar. A Giltur, uma das poucas que tem ar condicionado nos quartos, cobra R\$ 18 a diária. Pousada do Paulo — tel: (098) 529-1002
Lopes — tel: (086) 983-1963
Giltur — tel: (098) 232-6041
Em Caburé, a exemplo do que ocorre em Barreirinhas, o ambiente é bastante simples. O preço médio da diária tanto em Barreirinhas como em Caburé é R\$ 10. O ingresso para o parque é gratuito.



Bahia. Terra dos bons negócios.

Chapada Diamantina.

A Bahia oferece mais uma porta de entrada para seus visitantes: o recém-inaugurado Aeroporto da Chapada Diamantina. Obra fundamental para acelerar o processo de desenvolvimento do turismo no Estado, o novo aeroporto abre caminho para uma das mais belas e interessantes regiões da Bahia, ideal para a exploração do ecoturismo e do turismo de aventura, com suas inúmeras grutas, rios, cachoeiras e formações rochosas milenares, semelhantes às do Grand Canyon, nos Estados Unidos. Abrindo uma nova oportunidade para milhares de turistas conhecerem essa natureza exuberante, o Aeroporto da Chapada Diamantina comporta até 4 (quatro) Boeings 737-400 ou Fokker 100 simultaneamente, a apenas 20 km da histórica cidade de Lençóis, um lugar que apresenta vestígios de um passado de riqueza e esplendor, graças às atividades do garimpo, que teve seu apogeu no século XIX. Dentro dos chamados Circuitos do Ouro e do Diamante, estão sendo criadas novas trilhas para a visitação turística, que requerem a implantação de mais equipamentos para os vários municípios da região: Andaraí, Iraquara, Itaeté, Mucugê, Palmeiras, Piaçã e Rio de Contas. Para maiores informações: Codetur - Coordenação de Desenvolvimento do Turismo - Av. Tancredo Neves, nº 776, 4º andar, Ed. Anexo ao Desembarco, Pituba. CEP 41823-900, Salvador BA. Tel: (071) 341-1829. Fax: (071) 341-0270 E-mail: sct.codetur@bahia.ba.gov.br



O jeito gaúcho de fazer churrasco.

PORTO ALEGRE
Av. Cavalhada, 5.200 - (051) 248-3940

SÃO PAULO
Av. Santo Amaro, 6.824 - (011) 247-8786
Av. Moreira Guimarães, 964 - (011) 530-2795

DALLAS
4300 Beltline Road - Addison, TX 75244
Dallas - EUA - 972-503-7300

INTERNET:
Home Page: <http://www.fogodechao.com.br>
E-mail: fogodechao@csf.com.br

PARQUES NACIONAIS

A idade da Terra na Chapada dos Guimarães

Muito verde, paredões abissais, cachoeiras e boa infra-estrutura levam a esta região do Mato Grosso que é um painel das mudanças geológicas do planeta

Andréa Claffone
da Chapada dos Guimarães

Um arripio percorre o corpo do viajante enquanto seus olhos tentam absorver a imensidão da paisagem do Parque Nacional da Chapada dos Guimarães. Na Cidade de Pedra, onde o arenito antigo do Planalto Central se encontra com a bacia sedimentar do Pantanal matogrossense, à beira de um paredão de 350 metros de altura, o impacto visual é irresistível. A paisagem entra pelos olhos com a força de um maremoto e desperta sentimentos raros. "As pessoas costumam eleger a Cidade de Pedra como um dos momentos mais marcantes da visita à Chapada", diz o historiador Jorge Belford Mattos, dono da agência de turismo local Eco Turismo Cultural.

Em 1989, ao lado de vários outros, nasceu o Parque Nacional da Chapada dos Guimarães, com 33 mil hectares. O município de Chapada tem cerca de 8 mil habitantes na área urbana. Sua igreja de Santana tem belas imagens barrocas. Restaurantes e lojas ficam em volta da Praça Dom Wunibalbo. Chapada hoje busca preservar o equilíbrio ambiental e garantir a beleza de uma região que é um verdadeiro painel das mudanças geológicas do Planeta.

Origem glacial

Há 500 milhões de anos, a região era coberta pela neve da Era Glacial. Terminado o período de glaciação, restou no local o mar, do qual peixes e conchas fossilizadas, que datam de há 300 milhões de anos, são evidências. O mar acabou secando e virou um deserto espetacular há 150 milhões de anos. O clima deve ter melhorado com o tempo, pois há 65 milhões de anos os dinossauros dominavam a Chapada. Na década de 30 deste século uma expedição alemã esteve na região e levou na bagagem de volta o esqueleto completo de um Tiranossauro Rex, que atualmente pode ser visto em um museu de Berlim. Acredita-se que o fim dos grandes répteis esteja ligado ao cataclisma que formou a cordilheira dos Andes e uniu a placa continental onde está o Brasil com o resto da América Latina.



Geografia da Chapada dos Guimarães formou-se à mesma época que a Cordilheira dos Andes e já foi totalmente coberta por água marinha: fósseis em abundância testemunham eras passadas

A partir desta mudança radical é que o Pantanal começou a se formar, por meio de sedimentos.

Enquanto o calor do Pantanal e de Cuiabá passa perto do insuportável, a altitude da Chapada garante um clima ameno, com pouca umidade e uma brisa refrescante o ano todo — inclusive na estação seca, que vai de maio a setembro. Este período é considerado melhor para o turismo porque o céu fica mais azul e a água das cachoeiras fica ainda mais transparente nas piscinas naturais. Enquanto no Pantanal a pecuária é a principal atividade, nas terras altas da Chapada, mais ricas e férteis, são desenvolvidas culturas para exportação, como a soja. Para desgosto dos ecologistas, que gostariam de ver preservada a biodiversidade do cerrado, ainda longe de ser completamente estudada e classificada.

O cerrado é um símbolo de resistência e perseverança. A cada estação seca ele queima espontaneamente devido a um fenômeno causado pela combinação de muitos

cristais em forma de pedregulhos no solo, o ângulo certo do sol e a seiva inflamável da canela-de-ema, uma planta muito comum na região.

O cerrado faz uma espécie de auto-controle biológico, permitindo que apenas os mais fortes sobrevivam. Mas, por estranho que pareça, está sempre florido. Jatobás, cipós, samambaias e belas flores, como a delicada heliconia de pétalas vermelhas e ainda orquídeas de vários formatos, dão às regiões mais úmidas um toque de floresta tropical.

Cavernas e cachoeiras

A transição súbita entre tipos de paisagem pode ser observada facilmente na trilha que dá acesso à caverna Aroé-Jari, mais conhecida como Caverna do Francês, graças a um arqueólogo francês, Jean Perier, que esteve na região nos anos 80.

A entrada é impressionante. A boca tem cerca de 10 metros largura, seis de altura e de suas bordas pingam gotas de água, constantemente. O primeiro salão ainda guarda vestígios das escavações do francês. O ponto alto deste passeio, entretanto, é a visita à Gruta da Lagoa Azul. O nome não dá a exata dimensão da intensidade do azul brilhante da água. Conforme se coloca partes do corpo na água, vê-se

os membros se tornarem mais azulados, como se a pele estivesse sob um fecho de raio laser azul — e não na água. A visita às cavernas deve ser feita com um guia e não leva menos de cinco horas.

O passeio mais romântico do parque é a trilha das cachoeiras, que começa na Casa de Pedra, onde rochas definem espaços proporcionais aos de uma casa. Em volta da casa corre um riacho manso de águas claras.

Ali perto começa a Trilha das Cachoeiras, já sinalizada no parque. A primeira tem como nome oficial "Sete de Setembro", mas as pessoas, deixando o ufanismo de lado, preferem chamá-la de Sonrisal. Vizinhas uma da outra estão a Cachoeira da Hidromassagem e a do Pulo. As seguintes são: Prainha, Degrau, Andorinhas e a Independência, a predileta dos conhecedores da Chapada. A trilha para as duas últimas é uma

tanto íngreme. Esse roteiro pode durar um dia todo, e não pode ser feito em menos de três horas.

A mais famosa queda d'água da região, o Véu de Noiva, costuma ser a segunda atração mostrada a quem chega na cidade. Placas, corrimões e boas pontes facilitam a vida do visitante à queda d'água de 86 metros e beleza impressionante. Ao lado, há um posto de informações e um restaurante.

Centro geodésico

Deixe para ir ao mirante do Centro Geodésico no final da tarde. O Marechal Rondon fez cálculos que indicavam que o centro geodésico da América do Sul estaria no centro da cidade de Cuiabá. Nos anos oitenta, foram feitos cálculos que apontavam o mirante, no município de Chapada dos Guimarães, como sendo o ponto de equilíbrio. Há quem diga que esse é um ponto privilegiado de observação de naves espaciais extraterrestres. Dizem que as aparições de OVNI's estão relacionadas ao fato de a Chapada estar localizada no paralelo 15, a mesma latitude de Machu Pichu, formando um corredor energético que facilitaria a passagem entre as dimensões.

Um programa gastronômico fundamental para quem for à Chapada é a famosa galinhada. Oferecida em vários restaurantes, o prato é preparado com pedaços de galinha frita, depois cozido com arroz e temperos em panelas de ferro. Uma boa opção é fazer a refeição no restaurante Morro dos Ventos, instalado na beira do paredão. De um mirante de ferro, com chão rendado, que se projeta para o abismo, avista-se a planície pantaneira. Lá, a galinhada é servida com farofa de banana, feijão e salada. Uma delícia com gosto do Centro-Oeste do Brasil. ■

Demarcação ainda é incerta

Muitas das principais atrações da Chapada dos Guimarães, como a caverna Aroé-Jari e as cachoeiras da Martinha, a Fazenda Xaraés (caminhada radical), o Centro Geodésico, a região da Água Fria (Cachoeira do Pingador e o garimpo de Diamantes), estão fora dos limites do parque nacional. Embora estejam na Área de Proteção ao Ambiente (APA) da Fundação Estadual do Meio Ambiente (FEMA), turistas e agentes de viagem precisam contar com a colaboração dos proprietários das terras onde estão as atrações para visitá-las.

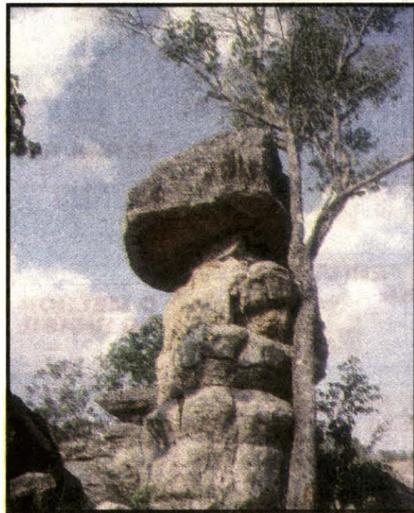
"Quando foram feitos os estudos para a implantação do Parque, a indicação é que ele deveria ter 150 mil hectares", diz o historiador Jorge Belford Mattos, que fez parte da Associação para Recuperação e Conservação do Ambiente.

Mais conhecida na região pela sigla ARCA, a associação consistia de um grupo de jovens universitários que fizeram trabalhos sobre a Chapada nas áreas de História, Geografia, Geologia, Biologia e Arqueologia, em colaboração com a Associação Matogrossense de Ecologia. Estes estudos fizeram parte da justificativa para a instalação do Parque Nacional da Chapada dos Guimarães, em 1989.

O Parque da Chapada dos Guimarães acabou ficando com 33 mil hec-

tares. Mesmo assim, diz-se na região que vários dos proprietários de terras na área do parque até hoje não foram indenizados pela desapropriação. "Enquanto durar este impasse fica mais difícil criar um plano de manejo para a exploração do ecoturismo no parque",

nativa para o desenvolvimento sustentável da região", argumenta Mattos. Segundo ele, 70% dos visitantes são paulistanos. Entre os estrangeiros, 80% são europeus — principalmente da Alemanha e Holanda. ■ (A.C.)



Formações rochosas esculpidas pelos milênios lembram ícones

diz Mattos, que dirige a agência de turismo Eco Turismo Cultural.

"A indefinição dos limites prejudica o parque", diz Israel Waligora, da Ambiental Turismo, agência especializada em roteiros ecológicos. Segundo ele, a depredação de sítios arqueológicos, o lixo e as construções na área do parque atrapalham o turismo. "O turismo é a melhor alter-

SERVIÇO:

DDD: 065
Fuso Horário: uma hora a menos que São Paulo
Agências de Turismo:
Eco Turismo Cultural, tel: 791 1393. Atendimento personalizado, guias cuidados e com profundo conhecimento da região
Anaconda, tel: 624 4142.
Pantanal Explorer, tel: 682 2800
Hotéis:
Pousada Penhasco, tel: 791 1555. Com vista espetacular, é considerada a mais bem equipada da região.
Hotel Turismo, tel: 791 1176
Pousada Bom Jardim, tel: 7911102
Hotel Quincó, tel: 791 1404
Hotel Rios, tel: 791 1126
Lago Hotel, tel: 791 1171
Hotel Chapadense, tel: 791 1410

Restaurantes:
Morro dos Ventos, tel. 971 6464.
Localização privilegiada e comida extraordinária
Restaurante Véu de Noiva — tel: 791 1495
Restaurante O Mestrinho — tel: 791 1181
Choppada — tel: 791 1325
Restaurante San Remo 791 1532